

A KU KLUX KLAN E A INSTAURAÇÃO DO MEDO NOS EUA

Viviane Rodrigues Darif Saldanhas¹²⁵

RESUMO

O presente artigo pretende analisar de forma sucinta os aspectos históricos e sociais que influenciaram na origem da chamada sociedade secreta Ku Klux Klan, que instaurava e de certa forma, ainda instaura, o medo nos Estados Unidos da América, através de discursos dicotômicos e de discriminação racial. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico acerca do tema e visando compreender as influências acerca do discurso propiciado por essa organização, foram eleitos os aportes teóricos de Jean Delumeau (1990) e Carl Von Clausewitz (1996).

Palavras-Chave: Racismo. Medo. Sociologia da Violência.

INTRODUÇÃO

Através da constituição norte-americana de 1787, foi criada a República Presidencialista e Federalista, onde foi concedida autonomia para cada Estado deliberar por seus desígnios em vários aspectos, inclusive na questão da mão de obra.

A Guerra Civil Americana, também conhecida como Guerra da Secessão consistiu na luta entre onze Estados do Sul que era latifundiário, aristocrata e defensores da escravidão contra os Estados do Norte, que eram industrializados e onde a escravidão não possuía tanto peso quanto no Sul.

Essas diferenças se encontram entre as principais causas da guerra e possuem origem ainda no período colonial. Enquanto o desenvolvimento Sulista era baseado no liberalismo econômico que abria todo o mundo às agroexportações e a mão de obra escrava (de origem africana), o crescimento do Norte estava ligado ao desenvolvimento do mercado interno e da estipulação de políticas econômicas protecionistas.

¹²⁵ Graduada em Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná (UFPR), E-mail: vivianedarif@ymail.com

Durante as primeiras décadas do século XIX, a grande imigração e a intensa industrialização fizeram com que crescesse o poderio do Norte tanto economicamente quanto politicamente no governo, fazendo com que diversas tensões sociais e políticas se desenvolvessem entre o Norte e o Sul.

E em 1860, um republicano contrário à escravidão, Abraham Lincoln, venceu as eleições presidenciais americanas e em 1863, enquanto o conflito ainda se desenrolava, ele proclamou a abolição da escravidão nos Estados Unidos, colaborando para que essas tensões se desenvolvessem cada vez mais no interior dessa sociedade.

Os Estados do Norte possuíam um verdadeiro parque industrial para fabricar armamentos e outros recursos, com isso, a vitória definitiva foi conquistada na última batalha da guerra na Virgínia.

Essa guerra fez com que fosse radicalizada a segregação racial nos Estados Unidos da América, contribuindo para o surgimento de associações racistas como a Ku-Klux-Klan, fundada em 1865.

A CRIAÇÃO DA KU-KLUX-KLAN

A sociedade secreta terrorista e racista Ku Klux Klan foi criada após o final da Guerra de Secessão e da depressão no Sul do País, através de alguns veteranos confederados, ou seja, do lado derrotado do confronto.

A princípio, esses rapazes oriundos de famílias brancas queriam divertimento a custo do temor dos negros, mas ao perceberem o pânico que produziam nos negros ex-escravos, essa crueldade ganhou forças ideológicas. E conforme afirma Delumeau (1990, p. 12) “não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas num diálogo permanente com o medo”.

A Ku Klux Klan também ficou conhecida como "Império Invisível do Sul", era dirigida por um Grande Sacerdote, sendo que abaixo dele existia uma

hierarquia rígida de cargos que possuíam estranhos nomes como "grandes titãs" e "grandes ciclopes".

Os desfiles mascarados tinham como objetivo aterrorizar alguns negros que tinham superstições e que pensavam encontrar fantasmas dos confederados mortos em combate, com isso instrumentalizavam o medo do sobrenatural. E como assegura Delumeau (1996, p.24) o medo é “o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária)”.

Os sulistas que acabaram empobrecidos enxergaram uma possibilidade de trazer novamente para o trabalho nas plantações os quatro milhões de negros liberados por Abraham Lincoln através da Proclamação da Emancipação.

Sob o pretexto de manter a ordem, se divertiam em aterrorizar os negros, através dos mais variados dispositivos para que pudessem dar credibilidade ao poderes sobrenaturais: como a utilização de ossos de esqueletos para apertar a mão dos antigos escravos alforriados, abóboras recortadas habilmente que usavam para tentar conjurar a lenda do cavaleiro sem cabeça, dentre outros procedimentos.

Um dos traços mais característico da Ku-Klux-Klan era a utilização por parte de seus membros de capuzes cônicos e longos mantos brancos, que eram destinados a evitar o reconhecimento de quem os usavam.

Essa sociedade secreta tentava legitimar suas ações de perseguição de negros através do medo representado pelos ressentimentos devido à derrota na guerra e alegando que os negros eram inferiores.

Por esse motivo eles pregavam a supremacia da raça branca, outra forma utilizada por eles foi à instauração do medo através de discursos onde defendiam que os negros poderiam estuprar mulheres brancas, além de tomarem as terras dos brancos e que por isso havia a grande necessidade de segregação racial.

A INSTAURAÇÃO DO MEDO

A intimação contra os negros atingia também em menor escala brancos que simpatizavam com eles, além de judeus, católicos, hispânicos e qualquer indivíduo contrário à segregação racial.

Esta prática de terror ocorria desde desfiles e paradas com manifestações racistas, até linchamentos, espancamentos e assassinatos, passando ainda por incêndios de imóveis e destruição de colheita. Esse medo do outro, conflitos territoriais e demográficos tem relação direta com a agressividade e por consequência, a guerra. Sendo que,

A guerra nada mais é do que um duelo em grande escala. Inúmeros duelos fazem uma guerra, mas pode ser formada uma imagem dela como um todo, imaginando-se um par de lutadores. Cada um deles tenta, através da força física, obrigar o outro a fazer a sua vontade. O seu propósito imediato é derrubar o seu oponente de modo a torná-lo incapaz de oferecer qualquer outra resistência. (Clausewitz, 1996, p. 75)

Segundo Clausewitz (1996, p. 7) “a guerra é um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade”, e isso pode ocorrer utilizando a violência física ou outro tipo como meio. E era exatamente o que fazia a Klan, ela tinha como objetivo a manutenção da supremacia da raça branca na república e suas atividades eram invariavelmente baseadas no racismo.

A Klan atacava os negros que haviam conseguido adquirir bens no pós-guerra em nome de um raciocínio segundo o qual os negros seriam preguiçosos, inconstantes e economicamente incapazes e assim destinados à escravidão por natureza. Outro alvo da Klan eram os funcionários ianques (do Norte), mais precisamente os professores dos estados do Sul que lecionavam para os negros, a Klan pensava que se os negros se instruissem o retorno à época de “ouro” da escravidão seria impossível.

Porém, o temor em relação à instrução dos negros era o mesmo que admitir que estes tivessem as mesmas capacidades dos brancos e que tudo poderia ser então, uma questão de instrução e nível social. Dessa forma, os professores acabaram sendo considerados como traidores, desleais e responsáveis pela decadência sulista.

Além disso, outra prática pouco conhecida era de ordem eleitoral. Ela consistia em coagir os negros a se absterem ou a votarem nos democratas, já que os republicanos eram equiparados aos inimigos do Norte. Essa coerção ocorria através de visitas surpresas, que aconteciam no meio da noite e eram acompanhadas por ameaças de morte e chibatadas. Essa era considerada uma estratégia rentável, já que o eleitorado negro pouco a pouco entregava seus votos para as listas amparadas pela Klan. A organização também declarou guerra às liberdades concedidas aos negros, e em especial a liberdade de livre associação.

A Klan não retrocedia diante de nada, através da construção do discurso onde alegavam “manter a ordem” natural e social dos Estados Unidos. Porém, a ousadia era tanta que chegaram ao ponto até de matar um senador republicano, apunhalando-o em pleno tribunal. Diante desses excessos, o governo decidiu reagir e o presidente Ulysses S. Grant firmou um ato excessivamente severo em 20 de abril de 1871, onde colocava o grupo na ilegalidade, ele inclusive autorizava o uso da força para dissolver núcleos de associados e algum tempo depois, para escapar à perseguição, os membros se espalharam em novos organismos e a Klan original foi aniquilada.

Para os nostálgicos rebeldes do Sul, os klanistas adquiriram logo o status de heróis e o retorno à atividade política aconteceriam inesperadamente após o lançamento do filme baseado no romance de Thomas Dixon: “O nascimento de uma nação” de D. W. Griffith em 1915, que teve certo apoio do então presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson. Esse renascimento da Klan retomou o discurso da antiga, isto é, a supremacia branca, o racismo antinegro e ainda acrescentou a rejeição ao catolicismo, a incitação ao antissemitismo e a xenofobia. Porém, com algumas diferenças voltadas ao capitalismo, como a cotização que devia ser paga por cada associado, uma apólice de seguro, a aquisição da veste de klanista, dentre outros.

No ano de 1924, diversos senadores e onze governadores receberam a investidura da Klan durante a renovação do corpo legislativo, com isso o Q.G mudou-se para Washington e no ano seguinte foi votada uma lei restringindo a

imigração. E para demonstrar sua força, organizaram um desfile colossal na capital, porém, todo esse entusiasmo não tardaria a cair novamente. Fortalecida pelo apoio de diversos magistrados locais e pela relativa neutralidade da polícia a Klan, fartamente armada, multiplicou seus atos de atrocidades iniciando uma nova caçada contra os negros ou aqueles que se confraternizavam com eles. Mesmo que esses fossem homens da lei, políticos ou pastores eram raspados os cabelos, marcados na testa com as três iniciais klônicas, açoitados ou ainda cobertos por piche, no qual ainda colocavam plumas.

De acordo com Clausewitz (1996) a guerra nada mais é que um ato de violência e não existe limite para a manifestação dessa violência. Cada um dos adversários executa a lei do outro, de onde resulta uma ação recíproca, que, enquanto conceito, deve ir aos extremos. Desse modo, como forma de reação, o Estado de Louisiana votou uma lei onde proibia o uso de máscaras fora do carnaval e do dia de todos os santos, e esta lei foi adotada em seguida por outros estados. Com a perda de respeitabilidade, atrelada a divisões internas a KKK foi levado à degradação de seu público, apesar de a organização continuar a realizar expedições punitivas.

Em 1930, o nazismo exerceu certa atração sobre a KKK, porém, não passou disso. Essa aproximação com germanistas foi encerrada bruscamente na Segunda Guerra Mundial, quando tanto soldados negros quanto brancos foram à luta, demonstrando que o soldado negro que era capaz de lutar nas mesmas condições que um soldado branco.

O golpe final ocorreu em 1944, quando o serviço de contribuições diretas cobrou uma dívida da Klan pendente desde 1920 e com a incapacidade de honrar o compromisso, a organização acabou pela segunda vez. Mesmo com diversas tentativas de ressurreição, ainda num âmbito mais local que nacional, a KKK não obteve mais o sucesso que tinha antes da guerra. Com a promulgação da lei contra a segregação nas escolas públicas em 1950, foram despertadas novamente algumas manifestações klanistas, seguiram-se novas ações de violência como casas dinamitadas e assassinatos durante manifestações raciais.

Mesmo com os klanistas buscando se reciclarem no anticomunismo, não houve grande efeito e o declínio da Klan já havia começado desde o fim dos anos 1960. Depois, apesar das tentativas de renascimento através de nomes diferenciados, os klanistas já não eram mais uma organização de massa.

Entretanto, apesar de o congresso norte-americano ter tentado extinguir a atuação da Ku-Klux-Klan com a aprovação de leis, manifestações racistas ainda fazem parte da rotina de várias regiões dos Estados. E ainda nos dias de hoje, para se transformar num membro da KKK é preciso: não ser judeu, ser branco, defender a pátria até as últimas conseqüências e ser um bom cristão (diga-se protestante).

Atualmente, a Klan prega o racismo, ou seja, apesar de pregarem a supremacia branca, aceitam outras raças, desde que essas vivam em regime de segregação, o que não deixa de ser racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir através da história, que essa luta envolvendo poder, guerra, medo e segregação possuem princípios, não somente econômicos, mas políticos.

O receio e o temor diante do “outro”, ou seja, daquele que é diferente nada mais são que construções históricas, desenvolvidas por grupos sociais específicos, com interesses particulares e que por diversas vezes não apenas estimulam, mas também usam da violência para alcançarem seus objetivos.

No caso da Ku Klux Klan, ao pregarem a supremacia da raça branca e a fim de defenderem seu ideário, freqüentemente recorriam a atos de violência e de intimidação, se baseando em uma serie de acontecimentos históricos, políticos e econômicos para tentar legitimar essa violência.

Todavia, esse apoderamento de medos por parte da Ku Klux Klan auxiliou sobretudo para que preconceitos, especialmente no que se refere á questão racial,

abrangessem suas manifestações mais severas e que fossem amplamente difundidos na sociedade estadunidense.

E mesmo com a eleição e re-eleição do primeiro presidente negro, e com toda luta realizada pelos movimentos negros naquela sociedade, essa apropriação feita pela Ku Klux Klan favoreceu e fortaleceu o racionalismo, um conceito de separação entre raças que ainda é muito presente nos Estados Unidos, contribuindo para que coexistam duas sociedades: uma branca e a dos “outros”, que inclui diversas outras etnias.

Dessa maneira, mesmo buscando combater a discriminação e o preconceito, através de leis e políticas públicas, eles ainda existem e encontram-se sustentados por diversas instituições.

Infelizmente não sabemos nem quando e nem como essa guerra irá acabar, mas a luta continua.

REFEÊNCIAS

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1996.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no ocidente: 1300-1800** Uma cidade sitiada. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1990.

MARTINEZ, João Flávio. **A Ku Klux Klan e a segregação racial nos Estados Unidos**. Disponível em <<http://www.cacp.org.br/estudos/artigo.aspx?lng=PT-BR&article=1022&menu=7&submenu=4>> Acesso em 11 nov. 2008

VERSIGNASSI, Alexandre. **O que é a Ku Klux Klan?** Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2006/conteudo_127996.shtml> Acesso em 10 nov. 2008.